

NOVAS URNAS DE LARGO BÔRDO HORIZONTAL

UM TIPO REGIONAL DE CERÂMICA PRIMITIVA

POR

MÁRIO CARDOZO

(Comunicação lida na Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia,
em Sessão de 17 de Dezembro de 1935)

I—Notícia do achado.

Entre os variados tipos morfológicos da cerâmica primitiva do Noroeste peninsular, um dos mais originais é, sem dúvida, aquele cujos exemplares foram pelo malogrado Arqueólogo José Fortes designados vasos «em forma de chapéu invertido», e aos quais, talvez com maior propriedade, possa chamar-se vasos «de largo bôrdo horizontal», se nos reportarmos apenas à característica mais impressiva — a sua aba. O bôjo é, no geral, de forma semi-ovóide, mas algumas vezes apresenta o fundo plano.

Dos estudos referentes a tão interessantes vasilhas arcaicas, baseados em achados circunscritos, até hoje, à zona ocidental do Entre-Douro-e-Minho, cumpre destacar — o trabalho do Dr. José Fortes publicado em 1908, na *Portugália* ⁽¹⁾, e, vinte e cinco anos mais tarde, o do Sr. Tenente Afonso do Paço, inserto no volume de *Homenagem a Martins Sarmento* ⁽²⁾. Outros AA. têm aludido a

⁽¹⁾ José Fortes, *Vasos em forma de chapéu invertido*, in «Portugália», Pôrto, II (1905-1908), pág. 662.

⁽²⁾ Afonso do Paço, *Vaso de bôrdo horizontal, de Vila Fria*, in «Homenagem a Martins Sarmento», Guimarães, 1933, pág. 272.

esta cerâmica ⁽¹⁾, mas apenas incidentalmente, em breves anotações documentativas de estudos diversos.

Descreveu José Fortes, no seu artigo, com aquela concisão e rigor científico tão peculiares ao seu culto espírito, os exemplares provenientes de Terroso e de Vila-do-Conde, fazendo em seguida algumas considerações à cerca da provável cronologia destas espécies cerâmicas. Por sua vez, o Sr. Afonso do Paço deu-nos uma circunstanciada notícia de um dos três vasos aparecidos em Vila-Fria (Viana-do-Castelo), o achado mais recente à data da publicação dêsse estudo, e relatou as dificuldades do problema científico que tais descobertas suscitaram, fazendo, por último, o inventário da totalidade dos exemplares conhecidos.

As circunstâncias imprecisas, ou incaracterísticas, em que se tem dado o aparecimento dêstes vasos, não permitiram ainda obter elementos que autorizem os estudiosos à fixação incontrovertida do período cultural em que devem ser integrados. Um novo achado, que teve lugar em começos de Outubro do ano corrente, pôsto que não resolvesse definitivamente o assunto, alguma luz veio trazer-lhe. Vamos referi-lo aqui.

Possue o Museu da Sociedade Martins Sarmiento, desde a sua fundação, há 50 anos, dois vasos dêste tipo, reconstituídos sobre alguns fragmentos originais. Várias vezes têm sido citados tais

(1) Nils Åberg, *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*, Uppsala, 1921, pág. 34; Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*, Lisboa, 1915, pág. 98; Rui de Serpa Pinto, *Concelho da Póvoa de Varzim. Apontamentos arqueológicos*, in «A Voz do Crente», P. de Varzim, n.º 66 de 6-7-1925; Idem, *A Cividade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal*, in «Revista de Guimarães», Guimarães, XLII, 1932, pág. 85; Félix Alves Pereira, *Comunicação à Secção de Arqueologia Pré-histórica da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, in «Arqueologia e História», Lisboa, IX, 1930, pág. 142; Florentino Cuevillas, *Novas cerâmicas das antas galegas*, in «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Pôrto, IV, 1930, págs. 22 e 23; Cuevillas e Xoaquín Lourenzo, *Vila de Calvos de Randin*, Compostela, 1930, pág. 27.

exemplares, dando-se como de proveniência desconhecida. Revendo, porém, os escritos póstumos de Martins Sarmiento e os seus Mss. inéditos, pudemos averiguar, recentemente, que êsses vasos foram encontrados, no ano de 1877, no Monte de Baixo, sito no lugar do Barqueiro, da freguesia de S. Cláudio do Barco (Guimarães) ⁽¹⁾. Com o recente achado ficou êste Museu enriquecido com mais sete exemplares, em relativo estado de perfeição, acrescidos ainda de dois fragmentos que permitem facilmente a reconstituição de um outro vaso. Total — 10 exemplares. Ê, portanto, no Museu de Guimarães onde se encontra hoje o maior núcleo desta cerâmica primitiva. O inventário feito pelo Sr. Afonso do Paço dava-nos 16 vasos completos e fragmentos de 2, assim distribuídos: 7 completos e 2 fragmentos no Museu Etnológico, 2 no Museu Municipal do Pôrto, 2 no da Sociedade Martins Sarmiento, 3 em mãos de particulares e 2 em paradeiro ignorado. Tal inventário eleva-se hoje, portanto, a 23 exemplares e fragmentos de mais 3. Os locais onde surgiram estes achados pertencem aos concelhos dos Arcos-de-Val-de-Vez, Viana-do-Castelo, Santo-Tirso e Guimarães, todos na zona atrás referida da mesopotâmia duriminiense.

O actual achado teve lugar perto, e ao lado sul, do monte onde se encontra o conhecido Castro de Sabroso. Andavam, neste verão de 1935, uns trabalhadores extraíndo saibro de um terreno sito no lugar da Faisca (fig. 1), à margem direita da estrada que liga as Caldas das Taipas à freguesia de Santa Cristina de Longos, nos limites das freguesias de Caldelas e S. Martinho de Sande, cêrca de 1,5 km. das Taipas — quando toparam com o tesouro. Na sua ingénua boçalidade, supuseram êles, como é vulgar, que algum tesouro se encontraria dentro daqueles «púcaros» de barro grosseiro e de forma para êles

(1) A êles se referem as notas de Martins Sarmiento publicadas na «Revista de Guimarães», XVIII, 1901, págs. 125, 126 e 127.

desconhecida, surgindo, inesperadamente, das entranhas da terra, que com tamanha canseira andavam escavando, para o ensaibra-

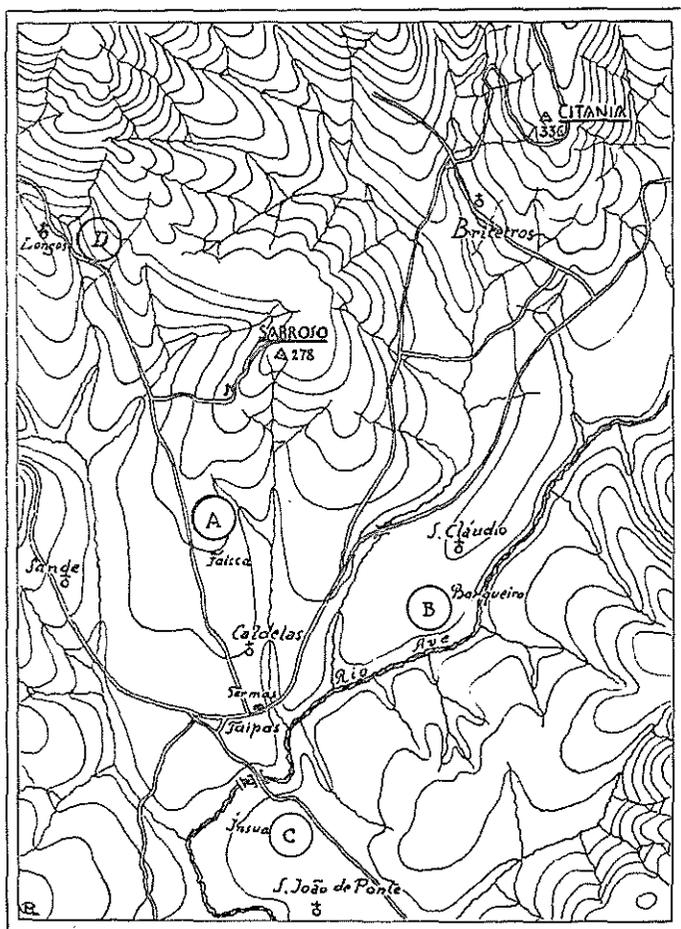


Fig. 1

- A e B, sepulturas planas, de Caidelas e S. Cláudio, contendo vasos de bordo horizontal;
 C, sepulturas planas, do Monte da Insua, contendo vasos campanulares ornamentados, do tipo da cerâmica da Penha;
 D, sepulturas planas, de Santa Cristina de Longos, contendo cerâmica pintada, lusitano-romana.

mento da estrada. E, na sôfrega ânsia de verem reluzir e espalhar-se na terra solta as peças de ouro, desfaziam em cacos,

apressadamente, com alviões ou enxadas, as rudes cuncas de barro que, para decepção da miséria ludibriada, só terra deitavam do seu pequenino bôjo esboroadado. Quantas partiram? Nem já sabiam ao certo... Uma dessas «tijelas», disseram êles mais tarde, tinha quatro asas (1), e a modos de um cordão torcido, no bôrdo. Apareceram também uns cacos muito grossos e uma pequena roda de mó (2). Tudo ficara para ali, abandonado, a um lado da escavação; pouco a pouco, o garotio, brincando, dispersou estes restos.

Passaram semanas, e a escavação foi avançando sempre, mas o caso do achado esqueceu, sem ter sofrido divulgação, nem dêle haver conhecimento qualquer pessoa mais instruída do que os humildes cavadores. Em princípio de Outubro passado, surgem, porém, do corte vertical da saibreira, novos vasos. Desta vez, casualmente, ou porque os jornaleiros, desiludidos, já não fizessem segredo do achado, veio a saber dêle um proprietário das imediações, o Sr. Eduardo Faria, da Casa de Correlos, que, inteligentemente comunicou o facto à Sociedade Martins Sarmento, salvando-se assim quatro vasos então aparecidos, e mais dois fragmentos que, passado pouco tempo, davam entrada no Museu desta Instituição (fig. 2 e n.º 8 da fig. 3).

Sem demora nos dirigimos ao local da descoberta, para inquirir das condições do achado, ponto fundamental de toda a investigação arqueológica, e colhêr os elementos de informação

(1) Os vasos de quatro asas são freqüentes no Bronze inicial. Vide Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, Paris, II, (Ed. 1924) pág. 376; Capitan, *La Préhistoire*, Paris, 1925, pág. 103 e Pl. XXIV. Procedente da Penha (Guimarães), existe no Museu da Sociedade M. S. um grande vaso desse tipo. Todavia, também o aparecimento destes *pylhoi* foi assinalado em Portugal, na estação pré-romana de Santa-Olaia (Figueira), da Idade do Ferro (Vide *Portugalia*, II, pág. 345 e Est. XXIV, figs. 137 e 138).

(2) Déchelette menciona o aparecimento de mós manuais em sepulturas de mulheres. Vide Op. cit., I, pág. 451.

que ainda fôsse possível obter. Infelizmente, nestes casos, quando chegam os interessados, tudo está desfeito e o vandalismo consumado. Pela narrativa dos próprios cavadores, e pela observação directa de uma das covas violadas, praticadas no saibro, onde

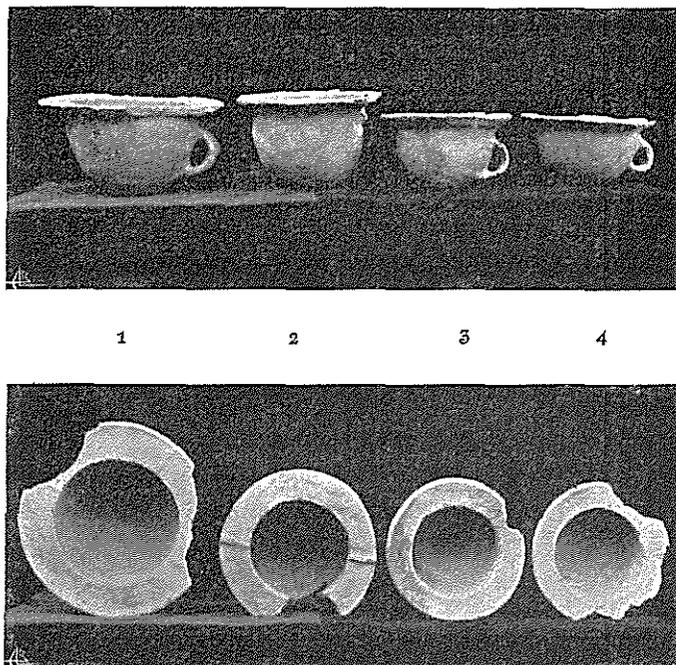


Fig. 2 — Vasos de largo bordo horizontal, de Caldeias
(Frente e perfil)

tinha aparecido um dos vasos (fig. 4), conseguimos, ainda assim, apurar o que passamos a descrever.

O local fica, como dissemos, à margem da estrada, e é constituído por um terreno bravo, pouco extenso, descendo em toda a volta, num declive suave. À superfície, coberta de tojo, e perfeitamente regular e desprovida de pedra, não há o mais leve indício que revele a existência das cavidades ali praticadas em época remota. Só o corte vertical do terreno pôde mostrar, pela

diferença de consistência e coloração das terras, essas cavidades, que eram simples sepulturas planas, de inumação ou de incineração.

Tinham as covas a forma geral semi-ovóide, imitante à do vaso que cada uma abrigava. A sua profundidade era de cerca

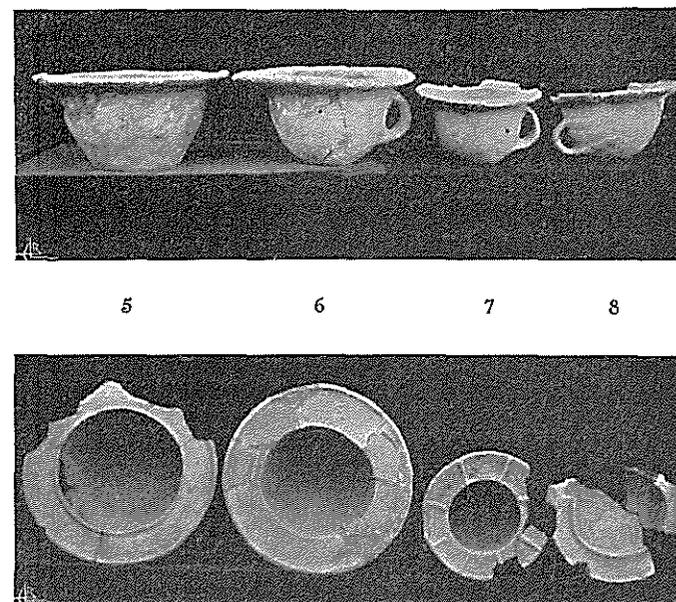


Fig. 3 — Vasos de largo bordo horizontal, de Caldeias
(Frente e perfil)

de 1^m,10 e o seu d'âmetro, tomado no ponto médio da vertical, de cerca de 0^m,80. A estratigrafia do terreno revelou-nos, à superfície, uma camada de terra preta vegetal, de uns 0^m,40 de altura, e, a seguir, o saibro duro e esbranquiçado. As sepulturas apareciam formando pequenos agrupamentos distintos, e, em cada grupo, distanciadas umas das outras cerca de dois metros. Colocado dentro de cada uma delas estava o vaso, à profundidade de uns 0^m,70 a 0^m,80, com a boca para a parte superior, mas sem qual-

quer espécie de tampa a cobri-lo (fig. 5). Dentro dêste, apenas terra escura e pouco endurecida, da mesma natureza da que enchia tôda a cova. Na parte subjacente ao vaso, encontravam-se, por vezes, filões de cinzas e carvão, à mistura com a terra. Nada mais. Nem qualquer indício menos vago, nem um simples fragmento metálico, nem os mais insignificantes resíduos ósseos.

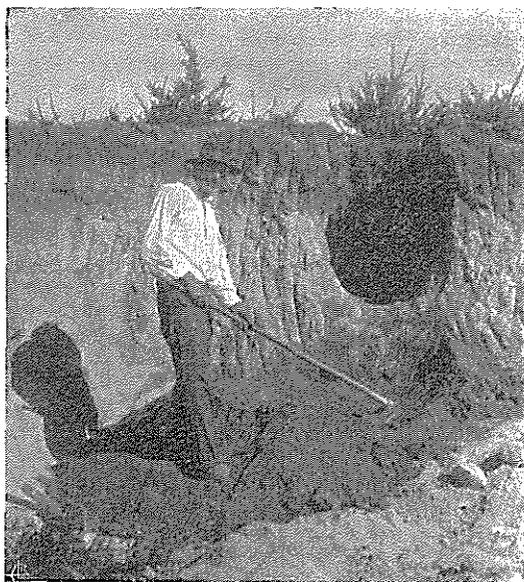


Fig. 4 — Sepultura de incineração, da necrópole de Caldelas

Antes de abandonarmos o local, recomendámos aos trabalhadores que, se no decorrer da escavação porventura, encontrassem, novas sepulturas, como seria natural, suspendessem o trabalho nesse ponto, e avisassem logo a Sociedade Martins Sarmiento. Efectivamente, no dia 24 de Outubro, éramos informados de que os cavadores tinham anunciado o aparecimento de novas urnas. Partimos logo para ali, deparando com o seguinte:

Os trabalhadores já tinham extraído mais um vaso, que,

como os restantes, haviam involuntariamente mutilado um pouco. Êste vaso oferecia a particularidade de ser o maior de todos quantos haviam aparecido, e era de fundo plano (fig. 3 — n.º 5). Como a um dos anteriores (fig. 2 — n.º 2), faltava-lhe a asa. Comunicaram-nos que, dias antes, havia aparecido ainda outro exemplar, mas que já se encontrava em poder de um proprietário

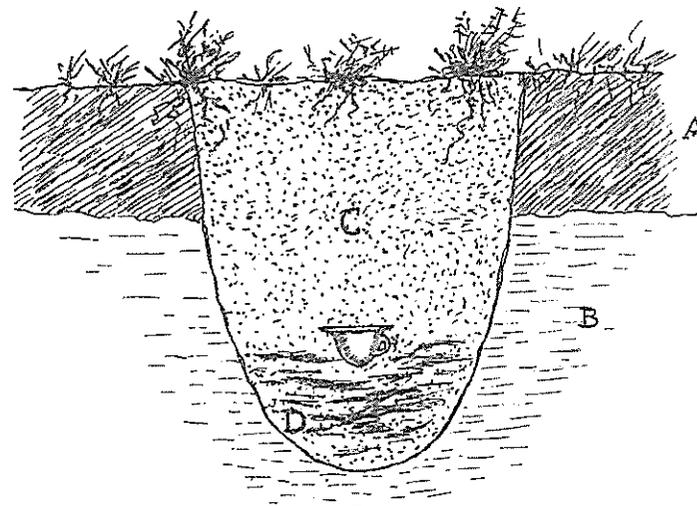


Fig. 5

Corte esquemático de uma das sepulturas de Caldelas, e posição do respectivo vaso:
A, camada superior, de terra vegetal; B, terreno de saibro; C, terra escura;
D, filões de cinzas e carvão.

das imediações, cujo nome indicaram. Ali o fomos pedir para o Museu, sendo-nos imediatamente restituído, da melhor vontade (fig. 3 — n.º 7). Apresentava, no bôrdo, um dos mais curiosos desenhos (fig. 6 — n.º 12).

Como no plano vertical da saibreira começasse a esboçar-se o recorte de nova sepultura, ordenámos aos cavadores que parassem ali o trabalho, e procedemos nós próprios à escavação, com tôda a prudência e cuidado, desagregando lentamente as terras, por camadas sucessivas. Não tardou que nos aparecesse o bôrdo

de um vaso. Esvasiada a cova, verificámos que esta urna se encontrava, infelizmente, bastante danificada (fig. 7), tendo partido, primitivamente sem dúvida, quando sôbre ela foram lançadas as terras. Pudemos, todavia, mais tarde, reconstituí-la por com-

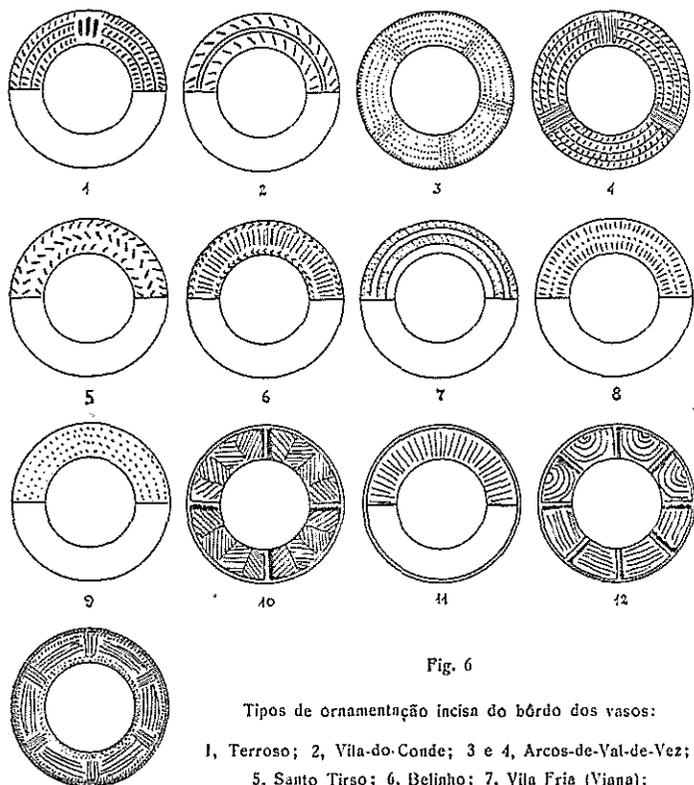


Fig. 6

Tipos de ornamentação incisa do bordo dos vasos:

- 1, Terroso; 2, Vila-do-Conde; 3 e 4, Arcos-de-Val-de-Vez;
5, Santo Tirso; 6, Belinho; 7, Vila Fria (Viana);
8 e 9, S. Cláudio do Barco; 10, 11, 12 e 13, Caldelas.

pleto no Museu. É, de todos os vasos, o de aba mais larga (fig. 3 — n.º 6), a qual apresenta uma decoração muito interessante (fig. 6 — n.º 13). Na sepultura notava-se a ausência completa de cinzas, e o vaso repousava a 0^m,80 de profundidade, contados da sua parte inferior até à superfície do terreno. A terra que o vaso continha dentro foi transportada para o Museu, onde se

analisou minuciosamente, nenhum corpo estranho revelando. Neste dia a escavação nada mais produziu, a-pesar-de os trabalhadores terem cortado ainda algum terreno.

Passado pouco tempo, voltámos ali. Os achados, porém, haviam cessado. Encontrámos, apenas, sôbre as terras desagre-



Fig. 7

Um dos vasos da necrópole de Caldelas, antes de extraído da respectiva sepultura

gadas, metade de uma pequena pedra, de forma descóide, muito pulida numa das faces: era a pedra de mão de um triturador, que os cavadores não tinham recolhido, por não suspeitarem da importância que nós lhe daríamos. Disseram-nos então que havia aparecido uma outra semelhante, mas maior do que esta, e com a superfície pulida côncava. Era certamente o triturador, mas

já não foi possível encontrá-lo; tinha levado descaminho, ou ficara soterrado no saibro.

Ainda ali nos dirigimos várias vezes, nada mais tendo aparecido, e encontrando por fim a saibreira deserta de trabalhadores, por terem parado temporariamente os serviços camarários da reparação da estrada.

Bem merecia o local, sob o ponto de vista arqueológico, uma escavação demorada, contínua e metódica, pois convencidos estamos de que, longe de se terem esgotado os achados, ainda outros vasos apareceriam, tratando-se, como julgamos, de uma necrópole de certa extensão. Fica, todavia, assim localizada, e, a todo o tempo, com o auxílio monetário do Estado ou de qualquer Instituição científica que disponha dos meios necessários, se poderá revolver cuidadosamente todo o terreno.

II — Análise dos vasos.

Do exame minucioso dos vasos aparecidos colhemos alguns elementos, que julgamos de interêsse registrar. Começemos pelas suas dimensões:

Vasos	Diâmetro no bôrdo	Diâmetro na bôca	Largura do bôrdo	Altura	Espessura média
Vaso n.º 1	19 cm.	12 cm.	3,5 cm.	9 cm.	7 mm.
» » 2	15,5	9,5	3	9	7
» » 3	14	9	2,5	7	6
» » 4	14	9	2,5	6,5	6
» » 5	22,5	14,5	4	11	7
» » 6	21,5	12,5	4,5	11	5
» » 7	14,5	8,5	3	9	6
» » 8 (frag.º)	16,5	10,5	3	8,5	5

A forma geral destas urnas é, como dissemos, semi-ovóide, excepto a do n.º 5, que se apresenta truncada na base. A aba é plana, mostrando apenas um ligeiro rebôrdo na periferia, com

excepção do vaso n.º 2; os n.ºs 5 e 8 (fragmento), apresentam êsse rebôrdo na periferia e no contôrno da bôca. Os vasos n.ºs 1 e 2 têm quatro cordões ou saliências diametraes, em linhas perpendiculares entre si, dividindo a coroa circular em quatro zonas; no vaso n.º 7 aparecem oito dêstes cordões, dividindo a aba em outras tantas zonas decoradas.

A pasta dos vasos é de côr ocre, e o barro mal cozido, grosseiro e micáceo, nuns mais escuro, noutros mais avermelhado. São modelados à mão, sem o auxílio do tôrno de oleiro. Quási todos se apresentam requemados, interior e exteriormente, com uma crosta negra no lado oposto à asa (zona *a, b, c* da fig. 8),

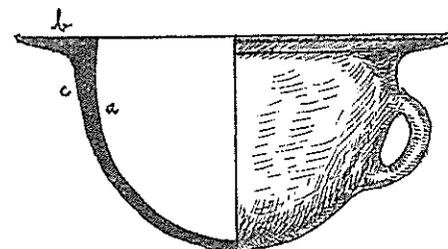


Fig. 8 — Perfil de um vaso da necrópole de Caidelas

denotando terem sofrido a acção do fogo particularmente nessa zona, o que faz lembrar que ali ardesse uma mecha embebida em óleo que o vaso contivesse (¹). Mas a forma destas urnas é contrária a tôda a probabilidade de terem desempenhado o papel das lucernas votivas. Devemos também notar que, em virtude da forma esférica do seu fundo, estes vasos, quando pousados numa superfície plana, mantêm um equilíbrio pouco estável, e só bem assentes em terra movida e mole, ou devidamente calçados, é possível conseguir-se que não tombem com facilidade (²).

(¹) A propósito de um vaso aparecido em 1880, num dólmen de Vila Chã (Barcelos), explorado por Martins Sarmiento, comenta o Estudioso: «a parte oposta à asa está tôda calcinada». (Caderno Manuscrito n.º 41, pág. 1).

(²) Vide Capitan, Op. cit., pág. 77.

Dos sete vasos completos que se recolheram, apenas quatro são decorados na aba (os n.ºs 1, 4, 6 e 7 das figs. 2 e 3, ou n.ºs 10, 11, 12 e 13, da fig. 6). À semelhança do que fêz Nils Åberg ⁽¹⁾, organizámos um quadro esquemático dos vários tipos de decoração dos vasos até hoje conhecidos (fig. 6), cuja simples análise dispensa a prolixidade de uma descrição minuciosa. Chamamos apenas a atenção para a originalidade dos exemplares n.ºs 10 e 12, de Caldelas, com suas nervuras em relêvo, intercaladas de ornatos incisos. É também digna de nota a semelhança do tipo 11, de Caldelas, ao n.º 6, de Belinho; e a do tipo 13, aos n.ºs 3 e 4, dos Arcos-de-Val-de-Vez.

Por estas sumárias observações relativas à forma especial dos vasos, sem paralelos na antiga cerâmica da Península, pela sua rude contextura e decoração característica, e também pelo facto do seu aparecimento, limitado até hoje a uma área restrita — confirma-se inteiramente a veracidade da conclusão a que José Fortes chegou, isto é, que estamos em presença de uma «unidade fíctil peculiar da região», trabalho indígena «de livre concepção e factura independente» ⁽²⁾.

III — Uso funerário dos vasos.

¿Que papel desempenharam estes vasos típicos, dentro das sepulturas térreas onde foram encontrados? Urnas cinerárias? Geralmente as urnas a êste fim destinadas eram cobertas com uma tampa (*operculum*), e, no caso presente, não apareceu qualquer espécie de cobertura sobre os vasos, que apenas continham terra. Por outro lado, as cinzas, uma vez ali recolhidas, deviam paten-tear-se à simples análise directa, o que se não verificou em exem-

⁽¹⁾ Op. cit., pág. 34.

⁽²⁾ Op. cit., pág. 665.

plar algum. É certo que também várias covas, onde se encontravam os vasos depositados, não revelaram cinzas nem carvão. ¿Seriam, estas, sepulturas de inumação? Possivelmente, tanto mais que os corpos depostos em contacto directo com a terra estão sujeitos a uma destruição completa, no decorrer de séculos, especialmente em determinados terrenos, onde a infiltração das águas pluviais dissolve com relativa facilidade a própria matéria óssea ⁽¹⁾. Daqui pode depreender-se que os ritos necrolátricos adoptados nesta necrópole fôssem conjuntamente o da incineração e o da inumação, os quais, por vezes, se praticaram paralelamente, nos tempos prè-históricos. No caso da inumação, os cadáveres só poderiam ser depostos, em tão acanhadas sepulturas, com as pernas dobradas, em posição acocorada, talvez fortemente enleados, de harmonia com certo ritual primitivo, de largo uso na Europa, e já confirmado em Portugal ⁽²⁾.

Os vasos de que nos estamos ocupando não eram, pois, cinerários, mas simples vasos para conter comida, quer o rito fôsse o da incineração, quer o da inumação, tal qual os «food-vessels» tão freqüentes nas cistas irlandesas ⁽³⁾. O vaso de

⁽¹⁾ Déchelette, Op. cit., I (Ed. 1924), págs. 450 e 451. Ricardo Seyero salienta o mesmo facto, num artigo sobre *Necrópoles lusitano-romanas de inumação*, in «Portugália» cit., pág. 419. De uma necrópole de inumação, descoberta em 1885, em Moreira de Cónegos (Guimarães), diz Sarmento: «Tudo consumido! Nem restos de ossos». (Mss. inéd., Cód. 43, pág. 8). Um tal fenómeno tem chegado a fazer supor, erradamente, que muitos despojos cerâmicos encontrados em escavações são simples objectos dispersos, sem carácter funerário.

⁽²⁾ Déchelette, Op. cit., I, pág. 451; Félix Alves Pereira, *Os monumentos prè-históricos do Vale de S. Martinho (Sintra)*, in «Diário de Notícias», Lisboa, Outubro de 1935.

⁽³⁾ A propósito de *food-vessels*, depositados em cistas de inumação e de incineração, podem ver-se algumas referências recentes, in «Reports on the National Museum of Ireland», 1928-29, pág. 11 e fig. 4, 1929-30, pág. 11 e fig. 7, 1933-34, págs. 5 e 6, figs. 6, 8 e 9; Adolf Mahr e L. Price, *Excavation of urn burials at Cloushannon, Imaal, Co. Wicklow*, in «Journal of the Royal Society

comida, fazendo parte do espólio fúnebre, foi uma prática ritual necrolátrica de remota tradição, que perdurou ainda nos tempos históricos. Àcerca das sepulturas da necrópole lusitano-romana do Bairral (freguesia de Santa Leocádia, no concelho de Baião), diz Ricardo Severo: «A vasilha foi posta junto ao cadáver, a fim de o servir na sua outra vida, análoga à vida terrestre que findou; muitas delas se encontram inteiras e intactas; alguns vasos são libatórios; outros apenas são para conter os líquidos e manjares, e todos foram conjuntamente depositos ao pé do morto, sob o mesmo sentimento de piedosa religiosidade» (1). Considerações idênticas faz José Fortes sobre o espólio cerâmico das sepulturas planas da necrópole de Lomba (Amarante) (2). São vulgares na arte primitiva peninsular as figuras de oferentes, conduzindo vasos rituais, em atitude hierática, como as de Cerro de los Santos, como as conhecidas estatuetas ibéricas, de bronze, e outras mais (3). Posteriormente, já nos tempos históricos, a iconografia funerária revela-nos figuras semelhantes. Assim um notável cipo, proficientemente estudado pelo Prof. Leite de Vasconcelos, nas suas *Religiões da Lusitânia* (4), encontrado no lugar de Sá (Caldas de Vizela), e hoje depositado no Museu da Sociedade Martins Sarmento, mostra, numa das quatro faces esculturadas, a representação de uma mulher conduzindo uma urna ritual (fig. 9), e

of antiquaries of Ireland», LII, 1932, pág. 75 e ss.; no mesmo jornal, LXV, 1933, pág. 104 e Pl. IX, fig. 2, Seán P. Ó Riordáin, *Bronze Age burials at Crookedwood, County Westmeath*; Idem, *Recent acquisitions from County Donegal in the National Museum*, in «Proceedings of the Royal Irish Academy», XLII, 1935, pág. 165 e ss., e Pl. XX e XXI.

(1) «Portugália», cit., pág. 423.

(2) Idem, pág. 252 e ss.

(3) Pierre Paris, *Essai sur L'Art et L'Industrie de L'Espagne Primitive*, Paris, I, 1903, pág. 173 e ss.; II, 1904, pág. 160 e Pl. II, 4a e 4b.

(4) Leite de Vasconcelos, *Religiões da Lusitânia*, Lisboa, III, 1913, pág. 446 e ss.

noutra face também duas figuras femininas, uma das quais conduz à cabeça um vaso campanular (fig. 10). Trata-se de um monumento funerário, da época lusitano-romana, contendo uma inscrição latina atribuída ao século I (1). Os detalhes desta cerimónia



Fig. 9
Figura feminina conduzindo um vaso funerário, esculpida num cipo,
proveniente do lugar de Sá (Vizela).
(Pertence ao Museu da Sociedade Martins Sarmento).

fúnebre não os conhecemos hoje, e porventura os havemos de ignorar indefinidamente. Ora, se quasi nada sabemos das práticas religiosas dos nossos remotos antepassados, limitemo-nos a colher os dados positivos, muito embora escassos, que a investigação arqueológica nos revela.

(1) Mário Cardozo, *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmento* (1.ª parte), Guimarães, 1935, pág. 104.

As sepulturas rasas primitivas, do tipo das de Caldelas, cavadas na terra, sem qualquer espécie de revestimento interno, e contendo apenas um ou mais vasos, são freqüentes, em diversas épocas e entre vários povos (1). Têm aparecido em Portugal, na



Fig. 10

Outra face esculpida do monumento funerário de Sá, mostrando duas figuras femininas, uma das quais conduz, à cabeça, um vaso campanular.

Espanha, na França, embora com menor vulgaridade, na Ale-

(1) É de supor que a sepultura rasa, na simples terra, tenha coexistido, em todos os tempos, com outras formas mais complicadas ou sumptuosas da inumação ou da incineração. As *cistas*, pequenas sepulturas revestidas interiormente de pedra, e principalmente os dólmenes e outros monumentos funerários megalíticos, eram, por certo, de um uso restrito a personagens de importância no clan. O incóla pobre e humilde voltava à terra nua, tal como hoje, sem categoria ou riqueza própria para ser recebido num mausoléu, o pária é recolhido na vala comum.

manha (1), onde são abundantes na região do curso médio do Reno, etc. E até na Europa Oriental, em sepulturas planas, já do período de La Tène, se verificou o mesmo rito da deposição de uma pequena urna, no fundo da cova nua, de forma semi-ovóide (2). Facto êste do qual podemos inferir que o uso necrolátrico da deposição de comida nas sepulturas não só persistiu, como dissemos, durante um longo ciclo de tempo, mas generalizou-se a uma vasta zona do mundo prè e proto-histórico. Mesmo em nossos dias, ainda os chamados *primitivos actuais* realizam esta prática ritual da deposição de alimentos junto dos mortos. No Distrito de Mossamedes (Sul de Angola), presencéamos nós uma dança fúnebre, durante a qual os indígenas derramavam determinada bebida sôbre a campa do morto, que acabavam de inumar.

IV — Conjecturas de ordem cronológica.

Estes usos funerários, generalizados no espaço e no tempo, longe de nos darem um marco cronológico, mais nos afastam da solução do problema que sumamente nos interessaria poder resolver: o da idade a que pertencem os nossos vasos de bôrd horizontal. ¿Serão do período neolítico, como quer o Prof. Leite de Vasconcelos (3)? ¿Ou já do eneolítico, como propôs o Dr. Félix Alves Pereira (4)? São ponderosas, sem dúvida, as razões que levaram cada um dêstes eruditos à sua classificação. No Prof. Leite de Vasconcelos imperou, certamente, a forma esférica dos vasos, e a rude factura, características dos mais remotos espécimes

(1) Déchelette, Op. cit., 1, pág. 451.

(2) Zygmunt Szmit, *La nécropole de la période de La Tène et romaine, dite Kozarówka, à Drohiczyn sur le Boug*, in « Bulletin Archéologique Polonais », Varsóvia, VII, 1923, pág. 172 e figs. 178 e 179.

(3) « Hist. do Museu Etnol. », cit., pág. 98.

(4) Comunicação in « Arqueol. e Hist. », cit., pág. 142.

cerâmicos; Alves Pereira baseou-se, como nos diz, na sua decoração incisa, que nos mostra realmente analogias com a ornamentação da cerâmica de Palmela e Rotura. Supomos, todavia, que, sem dados mais concludentes, como os que adviriam do aparecimento de quaisquer objectos junto aos vasos, que pela sua tipologia e carácter, de um modo insofismável e definitivo, fixassem uma época — não poderemos pronunciar-nos, com segurança, sobre a data dos célebres vasos em forma de «chapéu invertido».

São particularmente abundantes, nesta região onde se deram os recentes achados que vieram enriquecer o Museu de Guimarães, as singelas sepulturas arcaicas, abertas no saibro, contendo apenas um ou mais vasos no seu despôjo fúnebre. Mas nenhuma nos fornecem quaisquer dados elucidativos para a fixação da data das de Caldela, porque a cerâmica das mesmas extraída é muito diversa, na forma e na contextura. Assim, em Santa Cristina de Longos, à distância de 2,5 km. da necrópole de Caldela (fig. 1), apareceram, já depois do achado de que nos estamos ocupando, várias sepulturas planas cavadas no saibro, contendo cerâmica fina, trabalhada à roda de oleiro, e pintada, do tipo lusitano-romano usual, talvez já do séc. III p. C. (1). Os dois vasos de bôrdô horizontal, que há muito existem no Museu de Guimarães, provenientes de S. Cláudio do Barco, apareceram também em sepulturas desta natureza, reveladas num corte de terreno, e à profundidade de três palmos (2). No Monte da Ínsua,

(1) O achado deu-se em fins de Novembro do ano corrente, no sopé do monte que fica scbranceiro à Casa da Bóca, a uns 300 metros a nascente da Igreja da freguesia de Santa-Cristina. Já produziu 13 vasos, quasi todos de forma campanular, que deram entrada no Museu da Soc. M. S. Este Museu possui numerosos exemplares do mesmo tipo lusitano-romano, procedentes das freguesias de Abação, S. Torcato, Moreira de Cónegos, Santa Eulália de Barrosas, etc.

(2) Martins Sarmiento, *Materiais para a Arqueologia do Concelho de Guimarães*, in «Revista de Guimarães», XVIII, 1901, pág. 126.

junto às Caldas das Taipas, num parapeito à margem da estrada para Guimarães, cêrca de duas centenas de metros depois de passada a ponte sobre o Ave, foram postas a descoberto, casualmente, sepulturas cónicas, contendo fragmentos de vasos, que apresentam já uma forma e uma decoração muito diferente, incisa e profunda, totalmente igual à da cerâmica da Penha, que é considerada uma interpretação local do campaniforme, e por isso pertencente ao eneolítico pleno (1). Estas quatro necrópoles —

(1) Como é vulgar suceder entre nós, também a notável estação prè-histórica da Penha, cujos vestígios vão desaparecendo dia a dia, por estar hoje transformada em estância de turismo, nunca foi devidamente explorada, com a atenção que merecia. Várias referências e estudos, de maior ou menor extensão, têm sido publicados, de entre os quais destacamos, por sua ordem cronológica — José Pina, *A Penha eneolítica*, in «Revista de Guimarães», XXXVIII, 1928, pág. 135; F. Cuevillas, *Novas cerâmicas das antas galegas*, Sep. dos «Trabalhos da Sociedade Port. de Antrop. e Etn.», Pôrto, 1930, pág. 17 e figs. 5 e 7; Luiz de Pina, *Uma notável estação arqueológica portuguesa: a Penha (Guimarães)*, in «Comptes-Rendus do XV Congr. I. A. A. P., Portugal, 1930», Paris, 1931, pág. 342; Cuevillas e Brey, *La civilización neo-eneolítica gallega*, Madrid, 1931, pág. 17; Santos Júnior, *A cerâmica campaniforme de Mairos (Trás-os-Montes)*, Guimarães, 1933, págs. 371 e 372.

Entre o material recolhido na Penha, à mercê do acaso, pois nunca ali se fez, como disse, uma escavação científica, apareceram machados de bronze, que levaram descaminho, ignorando-se hoje qual o seu tipo, e também quaisquer objectos de ferro (armas?), segundo o dr. Luiz de Pina (loc. cit., págs. 343 e 348), que igualmente se perderam; apareceu mais uma lança, já do Bronze recente ou começos de Hallstatt; e, a par da cerâmica arcaica, que realmente parece dever integrar-se na Cultura do vaso campaniforme, apareceram fragmentos de vasilhas trabalhadas ao tórno de oleiro, do tipo comum na 2.^a Idade do Ferro. As condições de jazida destes materiais níveis em que se encontravam, etc., já não é possível conhecerem-se presentemente, pois os trabalhos de jardinagem e embelezamento, levados a efeito pelas Comissões de Melhoramentos locais, tudo têm destruído, inconscientemente, na melhor boa fé... Ao Sr. José Pina, professor do Liceu de Guimarães, se deve a recolha da maior parte dos objectos procedentes da Penha, que existem no Museu da Sociedade Martins Sarmiento.

Sobre a cerâmica do Monte da Ínsua (S. João da Ponte — Guimarães), vidè «Revista de Guimarães», XXXVIII, pág. 206, e XLI, págs. 82 e 83 (artigos dos drs. Luiz de Pina e R. Freitas Ribeiro).

Santa Cristina, Caldelas, S. Cláudio e Monte da Ínsua — encontram-se a pequena distância umas das outras (fig. 1), tôdas, portanto, circunscritas à mesma zona onde, em épocas muito diversas, se praticou esta forma de ritual funerário. E tôdas também perto de uma antiga estação termal romana (as Taipas), que outrora foi, por certo, um importante centro de população. Dêste mesmo género de sepulturas nos fala, freqüentemente, Martins Sarmento, nos seus Cadernos manuscritos inéditos ⁽¹⁾.

É incauto arriscar se a necrópole de Caldelas pertenceria a determinado castro da região (o mais próximo é Sabroso), ou a um povoado estabelecido no vale. Parece lógico supor que os habitantes dos castros fizessem as necrópoles perto das suas moradas. Mas os vasos de S. Cláudio, bem como os da Ínsua, apareceram em pleno vale do Ave, a pequena distância das margens dêste rio e um tanto apartados das elevações convizinhas, porventura povoadas nessa época remota. É um facto, porém, que as urnas de bôrdo horizontal têm geralmente aparecido não longe de castros cujos vestígios denotam a persistência de uma cultura tipicamente ante-romana, da 1.^a Idade do Ferro, ou post-hallstättica, como os de Sabroso, Belinho ou Terroso, muito embora perdurassem ainda, como é natural, durante a época romana. O exemplar aparecido em Terroso foi mesmo encontrado já no estrato lusitano-romano do castro, segundo afirma José Fortes ⁽²⁾. ¿Terão pois estes vasos

⁽¹⁾ Martins Sarmento, Mss. Inéd., Cad. 42, pág. 28, Arcos-de-Val-de-Vez, pág. 105, Castro de Retorta, pág. 115, S. Tiago da Cruz; Cad. 43, pág. 142, S. Mamede de Negrelos; Cad. 44, pág. 9, S. Paio de Vizela, pág. 57, Gondar, Amarante, pág. 71, Souto, etc.

Em Calvos de Randín (Galiza), perto da fronteira portuguesa, também apareceram sepulturas planas, de forma semi-ovóide, contendo dentro apenas cerâmica considerada de filiação eneolítica. Vide Cuevillas-Brey, *La Civilización Neo-eneolítica Gallega*, in «Arquivo Español de Arte y Arqueología, Madrid, n.º 19, 1931, pág. 10; «Vila de Calvos de Randín» cit., pág. 17.

⁽²⁾ Op. cit., pág. 664.

alguma ligação com a cultura castreja prè-romana, dos começos da segunda metade do primeiro milénio a. C., sobrevivendo porventura, na sua linha arcaica, até quasi ao final dêste milénio? ¿Saíram estas formas plásticas das mãos dos rudes oleiros contemporâneos daqueles artífices que fabricaram os grossos braceletes e as xorcas de ouro maciço, dos primitivos escultores que levantaram as estátuas de guerreiros calaicos e as figuras totémicas dos javalis de pedra? Rui de Serpa Pinto, o lúcido e malogrado Investigador, assim o julgava, assinalando a esta cerâmica uma data castreja, embora de remota tradição eneolítica. Possivelmente terá sido êste estudioso quem, com maior intuição e fundamento, se aproximou da verdade, não fazendo remontar a uma época extremamente longínqua esta espécie cerâmica, caracterizadamente funerária e sem precedentes ou claras afinidades no resto da Península. Se a hipótese de Serpa Pinto, para a qual nos inclinamos, vier um dia a confirmar-se plenamente, em oposição à tendência para envelhecermos certos achados só porque êles nos apresentam uma *facies* rude e arcaica, sem reflectirmos no sincronismo, tão freqüente em todos os tempos, entre culturas rudimentares e culturas no apogeu da civilização, — mais uma vez se verificará também a verdade contida na prudente sentença de Martins Sarmento, quando afirmava que «o passado está mais perto de nós do que vulgarmente se imagina.»